DOI: <http://dx.doi.org/10.17793/rdd.v4i7.799>

6. O SENTIDO DA VIDA EM “A MORTE DE IVAN ILITCH”

6. THE MEANING OF LIFE IN “THE DEATH OF IVAN ILYICH”

Ney Wiedemann Neto¹

RESUMO: O texto examina a novela “A Morte de Ivan Ilitch”, de Leon Tolstoi, e a sua atualidade, numa aproximação entre o Direito e a Literatura, com foco no sentido da vida e da finalidade nas relações interpessoais, numa aproximação com o pensamento de Immanuel Kant.

PALAVRAS-CHAVE: “A Morte de Ivan Ilitch”; Leon Tolstoi; Direito; Literatura.

ABSTRACT: The text examines the novel “The Death of Ivan Ilyich” by Leo Tolstoy, and its relevance in a rapprochement between Law and Literature, focusing on the meaning of life and purpose in interpersonal relationships, an approach with the thought of Immanuel Kant.

KEY-WORDS: “The Death of Ivan Ilyich”; Leo Tolstoy; Law; Literature.

Sumário: 1) Introdução; 2) O não sentido da vida em Ivan Ilitch; 3) O sentido da vida em Kant; 4) Considerações finais.

Summary: 1) Introduction; 2) The no sense of life in Ivan Ilitch; 3) The sense of life in Kant; 4) Final considerations.

1. INTRODUÇÃO

A Morte de Ivan Ilitch é uma pequena novela do consagrado escritor russo Leon Tolstói (1828-1910), com doze capítulos curtos, publicada pela primeira vez em 1886. A novela retrata o tema da morte e o sentido da vida, na trajetória da personagem principal, o juiz Ivan. Ao seu modo, Tolstói critica a futilidade do modelo de vida burguês, então vigente. Ivan conclui que sua existência fora desprovida de um propósito mais

¹ Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Mestre em Poder Judiciário, FGV Direito Rio. Professor do Curso de Direito da Faculdade Inedi CESUCA, Cachoeirinha-RS. E-mail: neyneto@cesuca.edu.br.

significativo. Ivan se mostra incapaz, como juiz, de ver os homens e seus problemas. Ele aplica a lei de uma forma mecânica. Essa submissão ao legalismo, visando a sua ascensão profissional, culmina na falta de sentido da sua existência.

Nesta aproximação entre o Direito e a Literatura, buscamos analisar o contexto da novela e sua atualidade, em dois momentos distintos: o estudo da novela com o destaque para os aspectos relevantes para a abordagem; e a problemática filosófica do sentido da vida, em uma visão existencial, em uma relação com a perspectiva de Immanuel Kant.

2. O NÃO SENTIDO DA VIDA EM IVAN ILITCH

Ivan é o juiz que aplica o Direito, bem de acordo com as concepções do positivismo jurídico tão em voga naquela época, do final do Século 19:

“Quanto ao trabalho em si – isto é, os julgamentos – Ivan Ilitch logo adquiriu a arte de eliminar todas as considerações irrelevantes ao aspecto legal e reduzir até mesmo o caso mais complicado a uma forma pela qual os fundamentos pudessem ser colocados no papel, excluindo completamente sua opinião e, o que era mais importante, cumprindo todas as formalidades. Era um trabalho novo e Ivan Ilitch foi um dos primeiros homens a pôr em prática o Código de 1864.”²

De qualquer sorte, depois de contextualizar a morte de Ivan, o narrador onipresente, em que pese não omita a sua carreira de magistrado, deixa nas entrelinhas a mensagem que se trata de pano de fundo, porque a situação da novela pode acontecer com qualquer um: “A história da vida de Ivan Ilitch foi das mais simples, das mais comuns e portanto das mais terríveis.”³ E prossegue, revelando estranha ironia, quando Ivan deu início à sua carreira, assumindo o primeiro cargo: “Assim que conseguiu seu diploma e ingressou no décimo escalão do serviço público, e tendo recebido de seu pai um dinheiro para o novo guardaroupa, Ivan Ilitch fez encomendas na Scharmer’s, pendurou na corrente do relógio uma medalha com a frase *Respice Finem*, (...) partiu para uma das províncias para assumir o posto de secretário particular e emissário do governador, conseguido com a ajuda de seu pai.”⁴ Essa frase na medalha pendurada na corrente do relógio, “*Respice Finem*”, na verdade é a parte final do seguinte provérbio latino: “*Quidquid agis, prudenter agas et respice finem!*”, que em tradução livre significa: “Faça o que fizer, faça com cautela, e olhe para o fim!”. Como se verá, foi exatamente o que ele não fez, porque perdeu o sentido da

² TOLSTOI, Leon. A Morte de Ivan Ilitch. Tradução de Vera Karam. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 13.

³ Idem, p. 11.

⁴ Ibidem, p. 12.

sua existência, no meio do caminho, enredado nas armadilhas de uma vida fútil e de aparências.

Já no início da narrativa, nota-se que os colegas de Ivan, ao tomarem conhecimento de sua morte, “a primeira coisa que lhes passou pela cabeça foi o possível efeito na rodada de transferências e promoções para eles ou seus companheiros”.⁵ E prossegue, mais adiante: “Além das elucubrações sobre possíveis transferências e mudanças no departamento, resultantes da morte de Ivan Ilitch, a simples ideia da morte de um companheiro tão próximo fazia surgir naqueles que ouviram a notícia aquele tipo de sentimento de alívio ao pensar que ‘foi ele quem morreu e não eu’. ‘Agora era ele quem tinha de morrer. Comigo vai ser diferente – eu estou vivo’, pensava cada um deles, enquanto as pessoas mais próximas, os assim chamados amigos, lembravam que agora teriam de cumprir todos aqueles cansativos rituais que exigiam as normas de bom comportamento, assistindo ao funeral e fazendo uma visita de condolências para a viúva.”⁶

Em seguida, podemos perceber algumas informações sobre o caráter de Ivan Ilitch: “Como estudante, ele já era exatamente o que viria a ser para o resto da vida: um jovem muito capaz, alegre, sociável, de boa paz, embora rígido no que considerava serem suas obrigações – e ele considerava suas obrigações o que quer que os seus superiores assim considerassem. Nem quando garoto nem quando adulto foi pessoa de pedir favores, embora fosse característica sua sentir-se sempre atraído por pessoas que estivessem em posições mais altas que a sua. Adotava os modos e pontos de vista delas e logo estabelecia relações de amizade com essas pessoas. O entusiasmo de infância e juventude passou sem deixar nele grandes marcas. Deixara-se levar pela sensualidade, pela vaidade e, até o fim de sua época de estudante, por ideias liberais, mas sempre dentro de limites que sua intuição lhe dizia quais eram.”⁷

A novela prossegue descrevendo toda a trajetória de vida de Ivan Ilitch, que alicerçou seus valores e objetivos na vida de modo a agir para ser aceito e agradar os poderosos. Ávido por ser um membro da elite, comportava-se de modo calculado para galgar postos e promoções e integrar círculos de poder e influência. Aparentemente, não emergiam seus sentimentos e posições pessoais na vida de relação, porque agia pautado por esse objetivo, o que, de certo modo, anulava-lhe as questões do âmago do seu ser.

⁵ Ibidem, p. 3.

⁶ Ibidem, p. 4.

⁷ Ibidem, p. 11.

A situação começa a sofrer uma alteração quando surgem sintomas de uma doença em Ivan Ilitch, a partir de um gosto estranho na boca e uma sensação desconfortável no lado esquerdo do estômago.⁸ A sensação foi piorando, deixando Ivan com desânimo e irritabilidade. O agravamento da doença levou-o a consultar um médico, seguindo-se os tratamentos, embora não tenha havido um diagnóstico específico da patologia. A doença de Ivan evolui, com o agravamento do quadro e a consciência de sua finitude: “Ivan Ilitch via que estava morrendo e desesperava-se. No fundo do coração sabia que estava indo embora e, longe de acostumar-se com a ideia, simplesmente não conseguia entendê-la.”⁹

Assim, Ivan tentava negar a sua situação e a iminência do fim: “E ele buscava outros pensamentos para pôr no lugar desses, um depois do outro, na esperança de encontrar alento. Tentou voltar a antigos pensamentos que no passado o haviam protegido contra a ideia da morte. Mas, estranhamente, tudo aquilo que antes costumava encobrir, obscurecer e destruir o sentimento de morte já não fazia mais o mesmo efeito. Ivan Ilitch passava agora a maior parte do seu tempo nessas tentativas de reencontrar a antiga proteção mental que mantinha a morte fora de sua vista. Dizia-se a toda hora: ‘Vou retomar minhas atividades – afinal de contas eu vivia para o meu trabalho!’.”¹⁰

No sofrimento, Ivan passa a ter consciência que viveu uma vida de mentiras e de falsidades: “O horrível, terrível ato de sua morte, ele via, estava sendo reduzido por aqueles que o rodeavam ao nível de um acidente fortuito, desagradável e um pouco indecente (mais ou menos como se comportam com alguém que entra em uma sala de visitas cheirando mal), e agiam assim em nome do mesmo decoro ao qual ele próprio subjugara-se a vida inteira.” E prossegue: “Essa falsidade em volta e até mesmo dentro dele, mais do que qualquer outra coisa, envenenou os últimos dias de Ivan Ilitch.”¹¹

Quanto maior é a dor, o sofrimento e o medo da morte em Ivan, amplia-se sua consciência e compreensão a respeito do sentido da vida que levou: “Chorou por sua solidão, seu desamparo, pela crueldade do ser humano, a crueldade de Deus e a ausência de Deus. (...) Até que pensou e não só parou de chorar, como reteve a respiração e ficou atento: estava ouvindo, parecia, não uma voz externa, mas a voz de sua alma, ouvia as ondas de seus pensamentos que levantavam dentro dele. ‘O que é que você quer?’ foi a primeira coisa possível de ser traduzida em palavras que ouviu. O que você quer? O que você quer?, repetia a voz. ‘O que eu quero? Parar de sofrer. Viver’, respondeu. E

⁸ Ibidem, p. 25.

⁹ Ibidem, p. 36.

¹⁰ Ibidem, p. 37.

¹¹ Ibidem, p. 42.

novamente pôs-se a escutar com tamanha atenção que nem mesmo sua dor conseguiu distraí-lo. ‘Viver. Viver como?’, perguntava a voz. ‘Ora, viver como antes – viver bem, agradavelmente.’ ‘Como vivia antes? Bem e agradavelmente?’, indagou a voz. E ele começou a repassar em sua imaginação os melhores momentos de sua agradável vida. Mas, estranhamente, nenhum desses melhores momentos de sua vida tão agradável agora lhe pareciam o que pareceram na época – nenhum deles, exceto as primeiras lembranças de infância. Lá na infância, havia alguma coisa realmente agradável com a qual seria possível viver, se pudesse recuperá-la. Mas a pessoa que conhecera essa felicidade já não existia; era como a lembrança de outra pessoa.”¹²

É então que Ivan passa a repensar e rememorar os acontecimentos de sua vida, a sua trajetória existencial. Tudo agora parecia trivial e até repugnante. As alegrias frugais pareciam-lhe agora duvidosas e sem sentido. Lembrou-se de momentos verdadeiramente bons, da época em que era estudante de Direito, onde havia alegria, amizades e esperanças. Nos primeiros anos de sua carreira oficial, os bons momentos foram desaparecendo. O desencanto de um casamento infeliz, a preocupação com o dinheiro. Daí, a sua fatídica reflexão: “E quanto mais o tempo passava, mais detestável ficava. ‘Como se eu estivesse caindo montanha abaixo, imaginando estar subindo. E era assim mesmo. E na opinião dos outros eu estava o tempo todo subindo e todo o tempo minha vida deslizava sob meus pés. E agora acabou tudo e é hora de morrer. Mas do que se trata afinal? Por que tem de ser assim? Não pode ser que a vida seja tão detestável e sem sentido. E se é realmente tão detestável e sem sentido, por que então devo morrer e morrer nessa agonia? Há alguma coisa errada.’ (...) Mas por mais que se perguntasse, não conseguia encontrar a resposta. E quando ocorria-lhe pensar que tudo isso vinha do fato de não ter vivido como devia ter vivido, imediatamente lembrava em que ordem e retidão vivera sua vida e mandava embora essa estranha ideia.”¹³

E prossegue na sua reflexão: “Nesse momento, também, quanto mais para trás olhasse mais vida encontrava. Houve mais coisas boas e mais vida em si, lá atrás. E as duas coisas se juntavam. ‘Assim como a dor piora cada vez mais, minha vida toda foi progressivamente piorando. Há um ponto de luz lá longe, no início da vida, mas, depois disso, tudo foi ficando cada vez mais negro e afastando-se cada vez mais, em proporção inversa à distância que me separa da morte’, pensou Ivan Ilitch.”¹⁴

¹² Ibidem, p. 50.

¹³ Ibidem, p. 50.

¹⁴ Ibidem, p. 53.

Até que Ivan chega ao ápice de sua constatação, cujo entendimento cresce na proporção do avanço da sua doença e degradação física e mental: “Ocorreu-lhe, pela primeira vez, o que lhe tinha parecido totalmente impossível antes – que ele não teria vivido como deveria. Veio-lhe à cabeça a ideia de que aquela sua leve inclinação para lutar contra os valores das classes altas, aqueles impulsos de rebeldia que mal se notavam e que ele havia tão bem aplacado talvez fossem a única coisa verdadeira, e o resto todo, falso. E suas obrigações profissionais e a retidão de sua vida e sua família e sua vida social tudo falso e sem sentido. Tentou defender essas coisas a seus próprios olhos e subitamente deu-se conta da fragilidade do que estava defendendo. Não havia o que defender.”¹⁵

No final, Ivan entra em estado de agonia, de negação, fundindo-se o sofrimento físico com o sofrimento moral, por entender que sua vida não teve sentido, que não trouxe realizações verdadeiras, morrendo num estado, de conformismo e resignação com a finitude do ser e o fracasso de sua existência. A doença que vitimou Ivan não nos é relevada de modo claro e específico, não há diagnóstico. Contudo, o fato é que o isolamento da personagem, que nos três últimos meses de sua vida permaneceu recluso na sua casa é que lhe oportunizou o resgate da consciência, pela dor e pelo sofrimento, em que pode reavaliar o sentido da sua vida. No fim, a dor moral superou a dor física, abraçando Ivan a morte com alegria, para seu alívio.

3. O SENTIDO DA VIDA EM KANT

De início, destacamos que para esta abordagem a respeito do sentido da vida na obra de Immanuel Kant, buscando uma aproximação com a vida que levou a personagem Ivan Ilitch, partimos do roteiro desenvolvido por Michael J. Sandel, no capítulo 5 de sua consagrada obra “Justiça: o que é fazer a coisa certa”, onde analisa com maestria o pensamento desse consagrado filósofo prussiano.

Já parodiando o título do capítulo, que é “o que importa é o motivo”, SANDEL dá a dica:

De acordo com Kant, o valor moral de uma ação não consiste em suas consequências, mas na intenção com a qual a ação é realizada. O que importa é o motivo, que deve ser de uma determinada natureza. O que importa é fazer a coisa certa porque é a coisa certa, e não por algum outro motivo exterior a ela¹⁶.

¹⁵ Ibidem, p. 57.

¹⁶ SANDEL, Michael J. *Justiça – O que é fazer a coisa certa*. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 143.

Kant parte do pressuposto de que somos seres racionais, merecedores de dignidade e respeito – e não de que somos donos de nós mesmos, simplesmente. Nós somos merecedores de respeito não por sermos donos de nós mesmos, mas porque somos racionais (capacidade de pensar) e autônomos (capazes de agir e escolher livremente) – capacidades que nos distinguem do mero animal. Kant sustenta que a moral não diz respeito ao aumento da felicidade ou a qualquer outra finalidade – a moral está, antes disso, fundamentada no respeito às pessoas como fins em si mesmas.

Kant argumenta que é um erro tomar a maioria como base para dizer o que está correto. O fato de a maioria concordar com uma lei não quer dizer que ela é justa. Kant entende que a moralidade não pode depender de condições empíricas, como desejos, interesses, vontades, preferências, pois as pessoas podem mudar, já que são variáveis e contingentes – não se prestando a servir como base para princípios morais universais – como direitos humanos. Enfim, nossos desejos não servem como base para a moralidade, pois um homem feliz não significa um homem justo. Kant lança mão da “pura razão prática” para alcançar o supremo princípio da moralidade. Essa pura razão prática tem relação com a razão humana e a capacidade de liberdade (somos racionais e capazes de agir e escolher livremente).

Liberdade não é apenas ausência de obstáculos. Há mais rigor na definição kantiana. O oposto de autonomia é heteronomia. Assim estamos diante da concepção de Kant sobre moral, que tem relação com liberdade enquanto autonomia. A autonomia ocorre quando não há nem forças da natureza, nem dos desejos, a interferir na decisão do homem. Autonomia é agir sem fins externos, sem ser instrumento, mas ator. Autonomia é fazer algo por fazer algo, como uma finalidade em si mesma. Deixamos de ser objetos ou instrumentos de forças externas. O respeito à autonomia exige tratar as pessoas como fins em si mesmas, e não como objetos – só sou livre se minha vontade for determinada de maneira autônoma, comandada por uma lei que eu mesma me imponho.

O valor moral de uma ação está na intenção e não nas consequências. Fazemos a coisa certa porque é o certo a fazer e não por algum motivo exterior a ela. O dever é o que confere valor moral à ação – mas porque se deve fazer a coisa certa pelo motivo certo – o interesse próprio é contrário ao dever. Assim, apenas quando fazemos algo motivados pelo dever é que conferimos valor moral a uma ação.

O princípio supremo de moralidade é a ação por dever. Se somos livres, somos capazes de agir por outro tipo de lei, que não as da física. Para gozarmos plenamente nossa

liberdade precisamos demonstrar nossa força e capacidade para agir por uma lei que outorgamos a nós mesmos – a lei que vem da razão. Não somos apenas seres sencientes, que obedecem aos sentidos, somos também seres racionais capazes de pensar. A razão deve poder governar a vontade.

A razão pode comandar a vontade de duas formas: pelos imperativos hipotéticos, que usam a razão instrumental, e pelo imperativo categórico, incondicional. Enquanto o hipotético é sempre condicional, instrumental, o imperativo categórico não está relacionado com o objetivo da ação ou com os resultados – e por isso só um imperativo categórico pode ser visto como um imperativo da moralidade: Aja apenas segundo um determinado princípio que, em sua opinião, deveria constituir uma lei universal.

Kant explica o imperativo categórico: universalize sua máxima – só agir de acordo com os princípios que podemos universalizar sem entrar em contradição; e trate as pessoas como fins em si mesmos. O imperativo categórico é mais fácil compreender na sua segunda formulação, quando ele concebe a humanidade como um fim.

Não podemos fundamentar a lei moral em interesses particulares, mas se há uma coisa cuja existência tenha em si valor absoluto, que vale como fim em si mesmo, ali há terreno para o imperativo categórico. Os seres racionais têm dignidade: Aja de forma a tratar a humanidade, seja na sua pessoa, seja na pessoa de outrem, nunca como simples meio, mas ao mesmo tempo como fim.

Oportuna na análise da obra de Kant é a contribuição que nos traz BARROS FILHO, referindo que a ação virtuosa é a ação desinteressada:

A liberdade, como vimos, é a capacidade de descolar da natureza. E, de certa forma, opor-lhe alguma resistência. (...) Por isso, a natureza que vai nos importar para entender a liberdade e a moral kantiana se materializa nas nossas inclinações. Que podem fazer com que nos ocupemos exclusivamente de nós mesmos. Da nossa particularidade. Assim, descolar dela, ou resistir a ela, implica levar em conta os interesses dos outros, dando-lhe lugar. Para isto, é preciso colocar-se entre parênteses. Considerar outros desejos além dos próprios. E tal autolimitação supõe que não sejamos 100% egoístas.¹⁷

Só agimos livremente quando agimos de acordo com o imperativo categórico. Ao agirmos de acordo com um imperativo hipotético, levamos em conta algum interesse ou objetivo externo – e nesse caso não somos verdadeiramente livres.

¹⁷ BARROS FILHO, Clóvis. *A filosofia explica as grandes questões da humanidade*. São Paulo: Casa do Saber, 2013, p. 45.

Agir por dever, portanto, na visão kantiana, é justamente ser livre – pois sou autor da lei à qual tenho o dever de obedecer, obedecendo a uma lei que escolhi. E quando optamos pela lei moral não fazemos escolhas como pessoas individuais, mas como seres racionais.

Isso está expresso em sua consagrada obra “Fundamentação metafísica dos consumos” (1785), em que Kant discute o fundamento da moral: uma razão pura prática. E, na busca da fixação do princípio supremo da moralidade, chega à concepção do imperativo categórico, assim formulado: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”.¹⁸

E a respeito do momento da morte, como uma oportunidade para essa reflexão, diz NALINI¹⁹:

Entretanto, pensar sobre a própria morte é salutar. Pode sensibilizar os egos mais inflados, que se comportam como se fossem eternos. Estimula o cultivo da humildade, a partir do reconhecimento da finitude. (...) Os enfermos terminais também não se consideram prontos para deixar a vida. A imensa maioria das pessoas vive a fantasia da eternidade. Sintomas dessa perspectiva falaciosa de infinitude, o apego à matéria, o cultivo do ressentimento, a dificuldade em perdoar. Por acreditar que haverá tempo hábil para reconciliação, a humanidade retarda em reatar laços rompidos. Permanece desatenta perante os carinhos que poderia dispensar a seres frágeis, tão carentes de gestos de ternura, cuja partida põe atônitos os que permanecem, como se o fato de se despedir da existência fosse uma surpresa. A vida ganha em intensidade e em valor se confrontada com a morte. Pensar na morte é uma das fórmulas eficazes de se conferir um salto qualitativo à vida.

Como se viu, as ações de Ivan não eram permeadas por esta lógica, senão por interesses egoísticos. Foi no leito de morte que, dada a duração da sua agonia, e a certeza do desfecho, que teve o tempo e a oportunidade da reflexão sobre a vida que levou.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leon Tolstói nos proporciona, em sua consagrada novela, a reflexão a respeito da trajetória de um homem mediano que, no auge de sua ascensão profissional, torna-se moribundo. A partir desse cenário que se desdobram as narrações que apresentam as

¹⁸ KANT, Immanuel. Textos selecionados. Os pensadores. 2^a. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 147.

¹⁹ NALINI, José Renato. Reflexões jurídico-filosóficas sobre a morte: pronto para partir? São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011, p. 10.

metáforas a respeito do sentido da existência do homem, buscando uma harmonia entre o significado da vida e da morte.

O texto, em que pese antigo, é inserido no contexto histórico da alienação da burguesia emergente na Rússia do final do século 19, cuida da cisão entre o homem e a sua essência, decorrente de um sistema que troca a liberdade pelos bens materiais, como nos dias atuais.

A partir da perspectiva kantiana, podemos refletir que Ivan Ilitch não agia com liberdade, porque suas ações eram egoístas, e muitas vezes motivadas por agradar os outros e atender as expectativas dos poderosos, para que com isso pudesse galgar melhores cargos e ser aceito nos círculos sociais mais elevados.

Daí, no sentido figurado, a razão do adoecimento da sua alma, da falta de sentido de sua vida, servindo como um alerta para todos nós, quanto aos nossos deveres de solidariedade e de bem viver.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Clóvis. *A filosofia explica as grandes questões da humanidade*. São Paulo: Casa do Saber, 2013.

KANT, Immanuel. *Textos selecionados. Os pensadores*. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

NALINI, José Renato. Reflexões jurídico-filosóficas sobre a morte: pronto para partir? São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011, p. 10.

SANDEL. Michael J. *Justiça – O que é fazer a coisa certa*. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

TOLSTOI, Leon. *A Morte de Ivan Ilitch*. Tradução de Vera Karam. Porto Alegre: L&PM, 2010.

(Artigo submetido em 08/11/2014 e aceito em 12/12/2014)